

Ler ou não ler todos os livros

EDSON NERY DA FONSECA

Diretor
Faculdade de Estudos Sociais Aplicados
Universidade de Brasília

Numa época de explosão bibliográfica, as leituras indispensáveis à formação e aprimoramento da cultura geral dependem de rigorosa seleção. Com este objetivo, as listas dos melhores livros são instrumentos válidos, principalmente quando organizadas sob critérios universais e objetivos. O aumento da produção bibliográfica fez com que as listas de grandes obras crescessem demasiadamente, passando a ser instrumentos de seleção menos para o *honnête homme* do que para as bibliotecas. O gênero evoluiu também para listas especializadas: livros representativos de uma só época, obras proibidas, autores premiados, etc. Com inquéritos sobre quais os dez livros que seriam levados para uma ilha deserta, o gênero voltou à escala humana. Para ser culto não é preciso ler todos os livros, mas apenas os essenciais. Saber quais são esses livros é um problema tão sério quanto o "ser ou não ser" de Hamlet.

No primeiro verso de "Brise Marine", Mallarmé declarou que leu todos os livros: **La chair est triste, hélas! et j'ai lu tous les livres.** Trata-se, evidentemente, de uma hipérbole, pois em fins do século XIX e com apenas vinte e cinco anos não era fácil ler todos os livros: mesmo para quem vivia — como o autor de **Un Coup de Dés** viveu — na chamada "torre de marfim" (4).

O próprio Mallarmé observou, já no fim de sua não muito longa existência, que "tudo no mundo existe para transformar-se em livro" (2). Com a explosão bibliográfica resultante desse fenômeno, é impossível ler todos os livros. Impossível e desnecessário porque, como assinalou Ortega y Gasset, muitos livros são "inúteis ou estúpidos" (3). Conseqüentemente, selecionar o que se deve ler é uma neces-

sidade imperiosa. Eis a razão de ser de um gênero bastante antigo e que está sempre na moda: o das bibliotecas ideais, constituídas por listas dos melhores livros publicados no mundo. As primeiras obras deste gênero remontam aos séculos XVI e XVII, tendo sido elaboradas para orientação de quem desejasse formar uma cultura geral, sem os prejuízos da especialização à **outrance**, denunciados, em nossos dias, por C. P. Snow (4).

Na obra monumental que é **A World Bibliography of Bibliographies**, Theodore Besterman assinala, entre os precursores, Robert Constantin, com um **Nomenclatur Insignium Scriptorum** (Paris, 1555), Antonio Possevino, com uma **Bibliotheca Selecta** (Roma, 1593), Paul Colomiès, com a **Bibliothèque Choisi** (La Rochelle, 1682) e John Harley, com o **Catalogus Universalis Librorum** (Londres, 1699) (5).

Naqueles tempos, chamava-se de **honnête homme** a quem se distinguia tanto por maneiras urbanas, caráter firme e elegância de espírito como por uma sólida e extensa informação: informação colhida nas “grandes obras”. As listas dos séculos XVI e XVII têm hoje apenas interesse histórico, pois não foram convenientemente atualizadas. Uma, entretanto, continuou a ser editada com revisões e acréscimos: a dos jesuitas G. Sagehomme e E. Dupuis, que na primeira edição (1676) referenciava 3 000 autores e na oitava (1950) indica 15 000 (6).

A leitura e discussão das “grandes obras” passou a ser, em algumas universidades norte-americanas, parte importante do que chamam **liberal education**: a que deve ser adquirida no primeiro ciclo geral do curso superior.

Em seu livro **Teacher in America**, informa Jacques Barzun — um dos mais notáveis humanistas dos Estados Unidos — que a idéia surgiu em 1919, com um curso denominado **General Honor Readings**, promovido no Columbia College pelo professor John Erskine (7).

Entretanto, vê-se pelo catálogo do St. John's College (Annapolis, Maryland) que já em 1835 esse tradicional estabelecimento de ensino — fundado no século XVII com o nome de King William's School — oferecia cursos de quatro anos com ênfase no estudo de autores gregos e latinos (8). A **St. John's College List of Great Books** tornar-se-ia famosa (9) e a ela alude Jacques Maritain em seu livro **Pour une Philosophie de l'Éducation** (10). Em Baltimore, perto de Annapolis, uma importante biblioteca pública — a Enoch Pratt Free Library — consciente de suas responsabilidades como agência educativa, colocou à disposição do público, em edições idôneas, as obras que figuram na lista do St. John's College, comentando-as em sugestivo catálogo (11).

O aumento crescente da produção bibliográfica reflete-se no de obras indicadas em listas do século XIX. A de J. F. Rolland, por exemplo, preparada para orientação de bibliotecas religiosas, é apresentada em três volumes (12). A de Louis Aimé Martin tem mais de quinhentas páginas (13). A de William Swan Sonnenschein — editor austríaco estabelecido na Inglaterra — já referencia cerca de 150 000 obras (14). Mas o inglês Sir John Lubbock — autor de famosa lista — insiste em limitar-se aos “hundred best books” (15).

Augusto Comte foi outro que se preocupou com um programa sistemático de leituras, selecionando cerca de 100 obras que classificou em quatro grupos: Poesia, Ciência, História e Síntese. Miguel Lemos organizou um índice onomástico da lista comteana, no qual menciona as principais edições em línguas neolatinas, inclusive a portuguesa (16).

Com o advento das bibliotecas públicas, surgiram as listas orientadas para a formação de coleções básicas. A American Library Association é pioneira neste particular, pois sua primeira **basic list** foi publicada em 1893 (17). A explosão bibliográfica — fenômeno que é, ao mesmo tempo, causa e efeito das especializações — impôs catálogos padronizados para diversos tipos de bibliotecas, também elaborados por iniciativas da ALA: **Standard Catalog for Public Libraries** (18), **Standard Catalog for High School Libraries** (19), **Children’s Catalog** (20), etc.

É interessante consignar o interesse dos bibliotecários pela elaboração dessas listas, com as quais se tornaram dignos deste honroso julgamento de Ortega y Gasset: “imagino o futuro bibliotecário como um filtro que se interpõe entre a torrente de livros e o homem” (21). Como diretor da Biblioteca Nacional de seu país, o grande escritor Jorge Luis Borges confirmaria a definição de Ortega, ao escrever em um de seus poemas (22): “Ordenar bibliotecas es ejercer / de un modo silencioso y modesto el arte de la crítica.”

Um “caso” realmente impressionante é o do russo Nicolau Rubakin (1862/1946), criador da Bibliopsicologia e considerado como “o último dos enciclopedistas”. Depois de ler e estudar aproximadamente 200 000 livros, Rubakin selecionou mais de 24 000, dos quais afirmou seu amigo Lênin: “nenhuma biblioteca pode passar sem eles”. As selecionadas por Rubakin estão indicadas e comentadas em sua bibliografia **Sredi Knig** (Entre livros), infelizmente acessível apenas em língua russa; mas delas podemos ter notícia na edição inglesa das memórias desse russo genial: **Lenin, Krupskaja and Libraries** (London, Bingley, 1968) (23).

No século atual, escritores como o inglês John Cowper Powys e o português Albino Forjaz de Sampaio interessaram-se pelo assunto. O primeiro limitou-se aos “cem melhores livros” (24), mas o autor de **Palavras Cínicas** escreveu um longo ensaio: **Como Devo Formar a Minha Biblioteca**. Não deixou, entretanto de indicar uma lista de cem e até de cinqüenta obras essenciais (25).

O gênero teve no maranhense Domingos de Castro Perdigão um pioneiro nacional. Diretor da Biblioteca Pública de seu Estado, Perdigão procurou orientar os seus leitores, publicando interessante “vade mecum bibliographico”. O livro, hoje injustamente esquecido, divide-se em três partes, correspondentes às leituras preparatórias (dos oito aos dez anos), educativas e instrutivas (dos doze aos quinze anos) e ilustrativas (dos quinze aos dezoito anos) (26).

Como é preciso não esquecer os autores da nossa época, algumas listas estão limitadas ao “mundo moderno” ou ao “séculoXX”, como, por exemplo, as de Louis Untermeyer (27), Cyril Connolly (28) e Robert B. Downs (29). Há os que preferem indicar os livros proibidos por motivos morais, religiosos ou políticos, como fez Anne L. Haight em sugestivo ensaio (30). Outros indicam justamente o contrário, isto é, escritores premiados (31).

As listas de grandes obras continuam atraindo o interesse de escritores, educadores e bibliotecários. Para estes elas são realmente muito importantes porque as bibliotecas não são mais constituídas a esmo, mediante campanhas de doações de “qualquer livro”, mas segundo critérios rigorosos. A seleção de material bibliográfico e audiovisual chegou a constituir-se em disciplina do currículo de Biblioteconomia, com numerosa bibliografia na qual é lícito destacar o clássico **Living with Books**, de Helen E. Haines (32), e a obra coletiva publicada há poucos anos **Background Readings in Building Library Collections** (33).

Não é conveniente, portanto, a aquisição de coleções **fechadas**, como **Harvard Classics** (34) e **Great Books of Western World** (35) ou — para citar a chamada “prata da casa” — **Clássicos Jackson** (36) e a veterana **Biblioteca Internacional de Obras Célebres** (37). As duas primeiras possuem excelentes índices, mas a seleção não prima pelo que os ingleses chamam de **catholic taste**. Dos **Great Books of Western World**, por exemplo, disse o ensaísta espanhol Julián Marías que é menos ocidental do que irremediavelmente provinciana (38).

De grande interesse, tanto para bibliotecas particulares como para as públicas, são as coleções **abertas**, como, por exemplo, a **Modern Library**, da editora Randon House, a **World's Classics**, da Oxford University Press ou a **Biblioteca dos Séculos**, da Editora Globo.

Para quem deseje orientar-se na **selva selvaggia** da produção bibliográfica contemporânea recomenda-se a consulta sistemática de revistas especializadas como a européia **Erasmus** (39) ou as norte-americanas **Books Abroad** (40) e **Choice** (41). Infelizmente, durou pouco tempo uma iniciativa nacional semelhante, que devemos à editora Vozes (42).

Depois de crescer desmedidamente, acompanhado a galopante produção de livros, as bibliotecas ideais voltaram à escala humana, transformando-se o gênero em brincadeira de intelectuais: a indicação dos dez livros que seriam levados para uma utópica ilha deserta: hoje tão impossível quanto a Pasárgada de Manuel Bandeira.

Reduzindo ainda mais o número de leituras indispensáveis ao **honnête homme** poderíamos nos fixar nos quatro autores citados pelo Sr. Gustavo Capanema, em depoimento recolhido pelo jornalista Carlos Castelo Branco: "Um homem culto é alguém que tem sempre Goethe ao alcance da mão. Um homem culto não dorme sem ler Shakespeare, Dante, Rilke, um grande poeta" (43). Para ser culto, portanto, não é preciso ler todos os livros, como o poeta: "La chair est triste, hélas! et j'ai lu tous les livres".

Abstract

To read or not to read all of the books

In an age of bibliographic explosion the readings that are necessary to the building and improvement of a general knowledge should depend on a rigorous selection. Lists of best books can be worthy selection tools if they are organized in accordance with objective and universally valid criteria. These lists have become very lengthy due to the growth of the bibliographic production and serve more to the libraries than to the **honnête homme**. Specialized lists have also appeared: books that are representative of one time, banned books, literary awards, etc. Their size returned to human scale with the inquiries on the ten books that someone would take to a desert island. To attain a cultured status it is not necessary to read all of the books but only the indispensable ones. And to identify which are these is a problem as serious as Hamlet's "to be or not to be".

REFERÊNCIAS

1. MALLARMÉ, Stéphane. Brise marine. In: ———. **Oeuvres complètes**. Texte établi et annoté par Henri Modor et G. Jean-Auvry. Paris, Gallimard, 1945, p. 38. O poema foi escrito em maio de 1865 e publicado pela primeira vez em **Parnasse Contemporain** de 1866.
2. ———. Le livre, instrument spirituel. In: ———. **Oeuvres complètes, op. cit.**, p. 378. Artigo publicado na **Revue Blanche** de 1895.
3. ORTEGA Y GASSET, José. **Misión del bibliotecario y otros ensayos afines**. Madrid, Revista de Occidente, 1962, p. 89. Discurso lido em maio de 1935.
4. SNOW, C. P. **The two cultures: and a second look. An expanded version of The two cultures and the scientific revolution**. New York, The New American Library: London, The New English Library, 1963. 92 p. (A Mentor book, MP557)

5. BESTERMAN, Theodore. **A world bibliography of bibliographies**. 4. ed. Lausanne, Societas Bibliographica, 1965-66, v. 1, colunas 808-839.
6. SAGEHOMME, G., S. I. & DUPUIS, E., S. I. **Répertoire alphabétique de 15.500 auteurs avec 55.000 de leurs ouvrages, romans et pièces de théâtre qualifiés quant à leur valeur morale**. 8. éd. rev. et complétée par E. Dupuis. Tournai, Paris, Casterman, 1950. 732 p. 1. ed.: 1676.
7. BARZUN, Jacques. **Professor e universidade nos Estados Unidos**. [Teacher In America] Trad. de L. J. Melo. Rio de Janeiro, Agir, 1967, p. 152.
8. ST. JOHN'S COLLEGE, Annapolis. A brief history of St. John's College. In: **Catalogue of St. John's College. 1970-1972**. Annapolis, 1972, p. 63.
9. ———. The St. John's College list of great books. In: **Catalogue of St. John's College, 1970-1972, op. cit.**, p. 33-34.
10. MARITAIN, Jacques. **Rumos da educação**. [Pour une philosophie de l'éducation] Nova trad. da Abadia de Nossa Senhora das Gragas. 5. ed. rev. e aum. Rio de Janeiro, Agir, 1968, p. 119.
11. ENOCH PRATT FREE LIBRARY, Baltimore. **The St. John's College list of great books**. Baltimore, 1943. 36 p.
12. ROLLAND, J. F. **Conseils pour former une bibliothèque; ou, Catalogue raisonné de tous les bons ouvrages qui peuvent entrer dans une bibliothèque chrétienne**. Lyon, Edição do Autor, 1833-43. 3 v.
13. MARTIN, Louis Aimé. **Plan d'une bibliothèque universelle; études des livres qui peuvent servir à l'histoire littéraire et philosophique du genre humain suivi du catalogue des chefs-d'oeuvre de toutes les langues et des ouvrages originaux de tous les peuples**. Paris, A. Desrez; Bruxelles, Société Belge de Librairie, 1837. 545 p.
14. SONNENSCHNEIN, William Swan. **The best books; a readers guide to the choice of the best available books (about 150.000) in every department of knowledge... (both English and American.)** London, Routledge, 1910-35, 3759 p. 1. ed.: 1887.
15. LUBBOCK, Sir John. Liste de cent livres. In: ———. **Le bonheur de vivre [The pleasures of life]** Trad. sur la XXe. éd. anglaise. Paris, F. Alcan, 1891, p. 84-88. 1. ed. inglesa: 1887.
16. COMTE, Auguste. **Calendário e biblioteca positivistas, seguidos respectivamente de um índice onomástico e de um índice bibliográfico, organizados por Miguel Lemos**. Rio de Janeiro, Igreja Positivista do Brazil, 1902. 71 p. (Apostolado positivista do Brazil, n. 208)
17. AMERICAN LIBRARY ASSOCIATION, Chicago. **A.L.A. catalog 1893**. Apud MUDGE, Isadore G. **Guide to reference books**. 6. ed. Chicago, A.L.A., 1963, p. 414.
18. ———. **Standard catalog for public libraries, 1934 ed.; an annotated list of 1.700 titles with a full analytical index, compiled by Minnie Earl Searl et alli**. New York, Wilson, 1934. 1973 p.
19. ———. **Standard catalog for high school libraries**. Ed. by Zaidee Brown. 2. ed. rev. and enl. New York, Wilson, 1932. 860 p. Apud MUDGE, Isadore G., **op. cit.**, p. 415.
20. SEARS, Minnie Earl. **Children's catalog**. 4. ed. rev. New York, Wilson, 1930, 877 p. Apud MUDGE, Isadore G., **op. cit.**, p. 415.
21. ORTEGA Y GASSET, José. **Op. cit.**, p. 91.

22. BORGES, Jorge Luis. **Elogio de la sombra**. Buenos Aires, Emacé, 1969, p. 91.
23. SIMSOVA, S., ed. **Nicholas Rubakin and bibliopsychology**. Transl. by M. Mac Kee and G. Peacock. London, Archon Books & C. Binge, 1968. 76 p. (World classics of librarianship)
24. POWYS, John Cowper. **One hundred best books, with commentary and an essay on books and reading**. New York, G. A. Shaw, 1916. 73 p.
25. SAMPAIO, Albino de Forjaz. **Como devo formar a minha biblioteca**. Lisboa, Livraria Sá da Costa, 1940. 389 p.
26. PERDIGÃO, Domingos de Castro. **O que se deve ler; vade-mecum bibliográfico**. S. Luiz do Maranhão, Imprensa Official, 1922. 348 p.
27. UNTERMEYER, Louis. **Makers of the modern world; the lives of ninety-two writers, artists, scientists, statesmen, inventors, philosophers, composers, and others creators who formed the pattern of our century**. New York, Simon and Schuster, 1955. 809 p.
28. CONNOLLY, Cyril. **The modern movement; one hundred key books from England, France and America, 1880-1950**. London, A. Deutsch and H. Hamilton, 1965. 148 p. (A Grafton book)
29. DOWNS, Robert B. **Obras básicas: fundamentos do pensamento moderno [Molders of the modern mind]** Trad. de Hildo Pareto Soares Maciel e Marla Cellna Deiró Hahn. Rio de Janeiro, Editora Renes, 1969. 291 p.
30. HAIGHT, Anne L. **Banned books: informal notes on some books banned for various reasons at various times and in various places**. 2. ed. rev. and enl. New York, R. R. Bowker, 1955. 172 p.
31. CLAPP, Jane. **International dictionary of literary awards**. New York, Scarecrow Press, 1963. 545 p.
32. HAINES, Hellen E. **Living with books; the art of book selection**. 2. ed. New York, Columbia University Press, 1950. 610 p.
33. GAVER, Mery Virginia, ed. **Background readings in building library collections**. Metuchen, N. J., Scarecrow Press, 1969. 2 v.
34. ELIOT, Charles W., ed. **The Harvard classics**. New York, P. F. Colferm, 1957. 51 v.
35. HUTCHINS, Robert M., ed. **Great books of Western world**. Chicago, W. Benton, Encyclopaedia Britannica, 1952. 54 v.
36. CLÁSSICOS Jackson. Rio de Janeiro, W. M. Jackson, s. d. 40 v.
37. BIBLIOTHECA Internacional de obras celebres. Rio de Janeiro, Sociedade Internacional, s. d. 24 v.
38. MARIAS, Julián. **Um mundo nôvo: os Estados Unidos [Los Estados Unidos en escorzo]** Trad. de Diva Ribeiro de Toledo Piza. Rio de Janeiro, Editora Presença, 1964, p. 101-103.
39. ERASMUS SPECULUM SCIENTIARUM; International bulletin of contemporary scholarship. Bâle, Prometheus Druck, 1947 —. Mensal.
40. BOOKS ABROAD. Oklahoma, University of Oklahoma Press, 1927 —. Trimestral.
41. CHOICE; books for college libraries. Chicago, American Library Association, 1964 —. Mensal.
42. QUE HEI DE LER? Petrópolis, Voes, 1969? —. Bibliografia em fichas, seletiva e comentada.

43. CASTELLO BRANCO, Carlos. O Supremo e os leitores de Goethe. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 7 nov. 1971, 1º cad., p. 4.

OUTRAS LISTAS DE OBRAS BÁSICAS

- ADLER, Mortimer. **How to read a book; or, The art of getting liberal education.** New York, Simon & Schuster, 1940. 398 p. Inclui: "A list of the great books", p. 373-389. Edição brasileira: **A arte de ler; como adquirir uma educação liberal.** Trad. de Inês Fortes de Oliveira. 2. ed. Rio de Janeiro, Agir, 1954. 304 p.
- AMERICAN LIBRARY ASSOCIATION, Chicago. **Classics of the Western world.** Chicago, 1927. 128 p. (O programa do St. John's College foi desenvolvido a partir desta lista.)
- CAPART, Jean. **Que lire? Anthologie d'appréciations des meilleurs livres des littératures anciennes et modernes.** Bruxelles, Vromant, 1945. 2 v.
- DICKINSON, Asa Don. **The world's best books, Homer to Hemingway: 3000 books or 3000 years, 1050 B. C. to 1950 A. D., selected on the basis of a consensus of expert opinion.** New York, H.W. Wilson, 1953. 484 p.
- DOWNS, Robert B. **Books that changed the world.** Chicago, American Library Association, 1956. 192 p.
- ERSKINE, John. **The delight of great books.** Indianapolis, Bobbs-Merrill Company, 1928. 314 p.
- GUÉRARD, Albert. **Preface to world literature.** New York, H. Holt, 1940. 536 p. Inclui: "The best which has been thought and said in the world", p. 466-477.
- HOFFMAN, Hester R. **The reader's adviser.** 10. ed. rev. and enl. New York, R. R. Bowker, 1964. 1292 p. (Na primeira edição intitula-se **The Bookman's manual.** 1921.)
- LANNOYE, Charles. **La bibliothèque idéale.** Paris, Éditions Universitaires, 1950. 236 p. 2. éd. mise à jour: Paris, 1951.
- LEDOS, E., ed. **Catalogue de livres choisis contenant les meilleurs productions de la littérature contemporaine.** 3. éd. Paris, Société Bibliographique et Edit. Spes, 1928. 483 p. (Primeira edição: 1880.)
- LIBRARY ASSOCIATION, London. **Books to read; a classified and annotated catalogue, being a guide for young readers.** London, 1930-31. 2 v.
- MUNFORD, W. A. **Three thousand books for a public library; some significant and representative works for basic stock.** London, Grafton, 1939. 188 p.
- PAES, José Paulo, ed. **Livros que abalaram o mundo.** São Paulo, Cultrix, 1963. 272 p.
- PEYSER, Ethel R. **The book of culture; the basis of a liberal education.** New York, Garden City Publishing Company, 1941. 727 p. (Primeira edição: 1934.)
- QUENEAU, Raymond. **Pour une bibliothèque idéale.** 4. éd. Paris, Gallimard, 1956. 318 p.
- RAHIR, Edouard. **La bibliothèque de l'amateur; guide sommaire à travers les livres anciens les plus estimés et les principaux ouvrages modernes.** 2. ed. rev. corr. et augm. Paris, Lefrançois, 1924. 717 p. (Primeira edição: 1907.)